

palavra

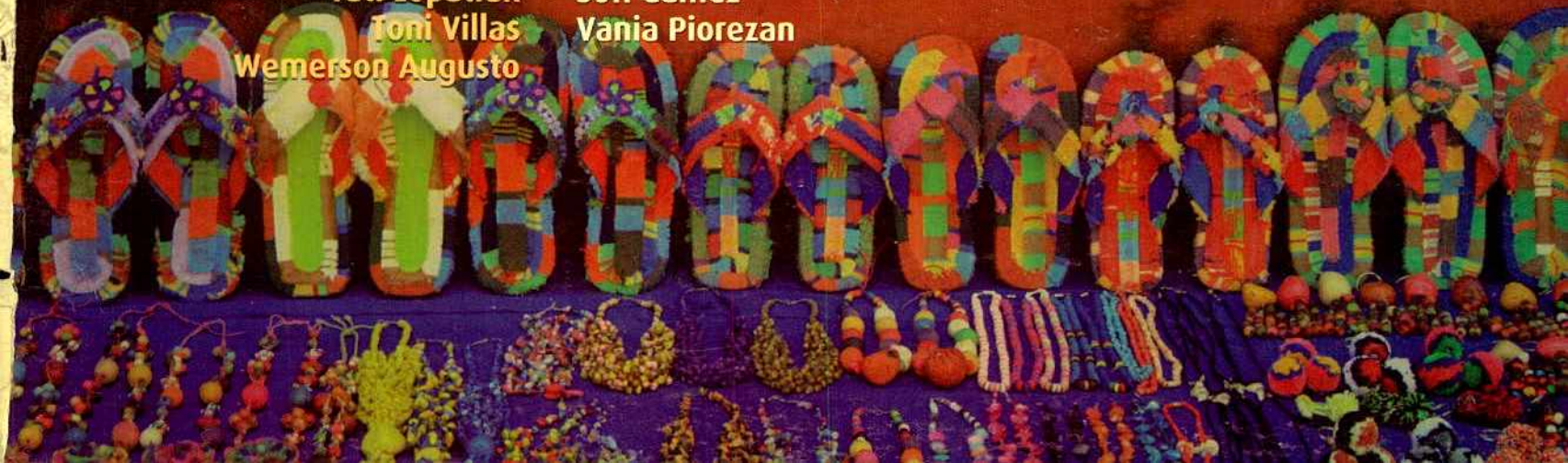
Andrea Palmar
Ben-Hur Demeneck
Bruna Galvão
David Galeano Olivera
Delfina Acosta
Edson de Carvalho
Fábia Tonin
Fábio Campana
Fabiula Wurmeister
Felipe Fioreza
Fernanda Regina da Cunha
Guzmán Ch.
Ísis Araújo
Izabel Campana
Juvenal Payayá
Lisete Barbosa
Maíra Fernanda
Negendre Arbo
Onofre Barbosa
Paulo Renato da Silva
Silvio Campana
Tati Lopatiuk
Toni Villas
Wemerson Augusto

escrita 16

guatá - cultura em movimento

olhos

Áurea Cunha
Bell Oliveira
Caroline Lopes
Claimar Granzotto
Daiane Rodrigues
Fernanda Regina da Cunha
Harry Schinke
Lalan Bessoni
Lúcia Misael
Pablo Conde
Sofi Gamez
Vania Piorezan



**Futebol na NET
é assim:**

**a torcida
entra no jogo!**



Instalações disponíveis no Centro, Vila B, AKLP, Polo Centro e partes da Vila Maracanã e Jardim Central.

www.netfoz.tv.br FONE 2102-0533

NET
SEMPRE UM BOM PROGRAMA

Chopp e cervejas
Bebidas destiladas
Vinhos finos
Drinques
e sucos naturais

Petiscos e pratos regionais



City Bier

PETISCARIA

**Sabor e descontração
no coração da cidade!**

De Segunda a Sábado, serviço a la carte, a partir das 16 horas
Aos sábados, almoço com cardápio especial em buffet livre.

Reservas pelos fones: ⁴⁵ 3025.3977 e 9954.3969
Mal. Deodoro, esq. com Quintino Bocaiúva, CENTRO, Foz do Iguaçu, Pr.

tirando de letra

tirando de letra

julio cortázar

”

Agora escrevo pássaros.
Não os vejo chegar, não escolho,
de repente estão aí,
um bando de palavras
a pousar
uma
por
uma
nos arames da página,
entre chilreios e bicadas, chuva de asas,
e eu sem pão para dar, tão somente
deixo-os vir. Talvez
seja isto uma árvore,

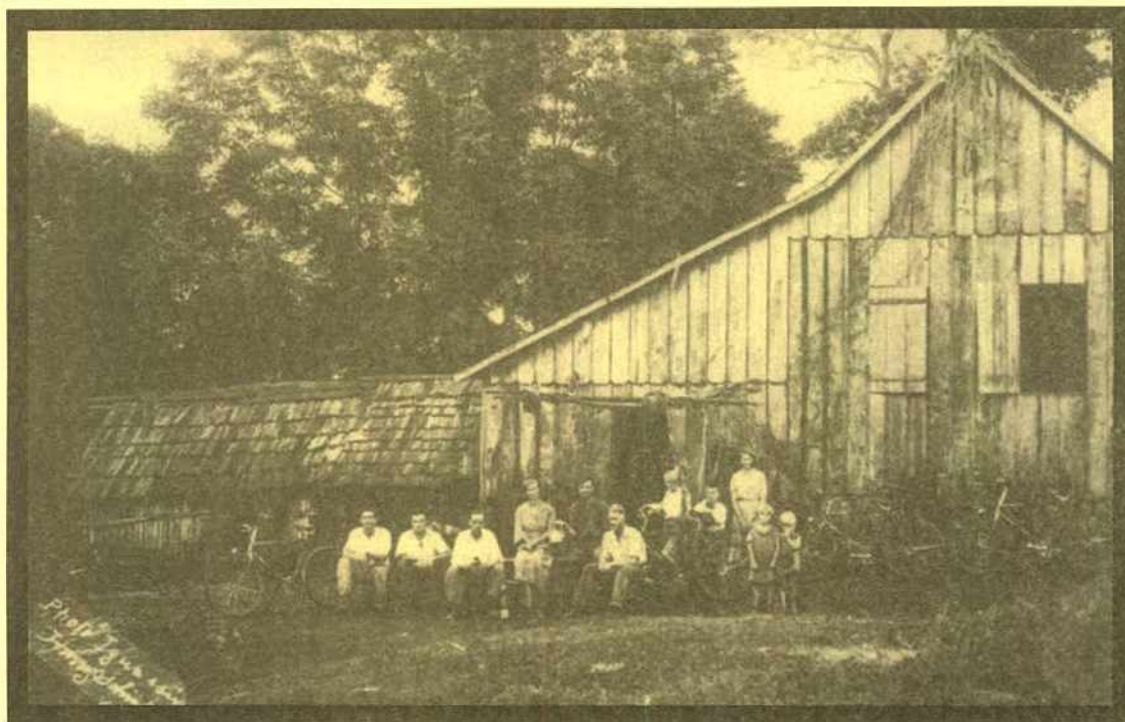
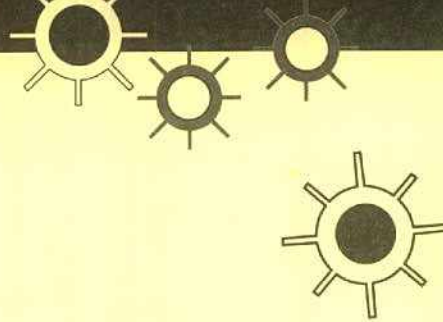
ou quem sabe,
o amor

Julio Cortázar, escritor argentino
(1914 - 1984).



escrita 03

tirando de



memória

Anos 30, século XX. Reunião de colonos em chácara na área onde hoje é o bairro Carimã, em Foz do Iguaçu, Pr. Foto de Harry Schinke

- 03 - Tirando de Letra - Julio Cortázar
 04 - OLHOS - Harry Schinke
 06 - OLHOS - Lúcia Misael
 07 - Mundo, mundo, vasto mundo - Fábio Campana
 08 - O pecado da mídia - Fernanda Cunha
 09 - OLHOS - Caroline Lopes
 10 - OLHOS - Daiane Rodrigues
 11 - Isla, la cante, la zona roja - Guzmán Ch.
 12 - Aniversário do golpe - Ben-Hur Demeneck
 14 - Epidemia de poesia - Delfina Acosta
 15 - OLHOS - Fernanda Regina da Cunha
 16 - O muro - Felipe Fiorezan
 17 - Neguinha, olha pra trás... - Wemerson Augusto
 18 - A triste história da bolacha... - Tati Lopatiuck
 20 - OLHOS - Lalan Bessoni
 22 - Hoje, não. Amanhã! - Izabel Campana
 23 - OLHOS - Sofi Gamez
 24 - OLHOS - cLaimar Granzotto
 25 - A noite - Ísis Araújo
 26 - Epidemia de Poesia - Toni Villas
 27 - OLHOS - Bell Oliveira
 28 - Epidemia de Poesia - Andrea Palmar, Bruna Galvão, Lisete Barbosa, Maira Fernanda, Negendre Arbo e Onofre Barbosa
 30 - Em Brasília, 19 horas! - Fabiula Wurmeister
 31 - OLHOS - Vania Piorezan
 32 - Epidemia de Poesia - Carol Miskalo
 33 - Kaô - Fábila Tonin
 34 - Jata'y, la leyenda - David Galeano Olivera
 36 - Olhos e Palavras - Áurea Cunha, Edson carvalho, Juvenal Payayá
 37 - Um toque - Paulo Renato da Silva

Escrita é uma publicação
 da Associação Guatá - Cultura em Movimento,
 entidade de finalidade artístico cultural,
 sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler,
 Richard de Souza e Silvio Campana

Editor: Silvio Campana - Mtb 20572 - 3023/11131.

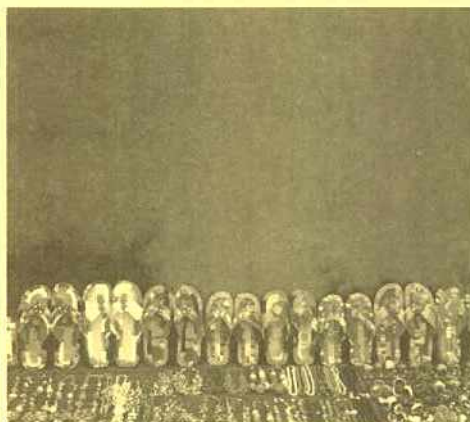
Revisão: Carmen dos Santos - **Foto da capa:** Lúcia Misael

Projeto Gráfico: Silvio Campana

Colaboram nesta edição: Andrea Palmar, Áurea Cunha,
 Bell Oliveira, Ben-Hur Demeneck, Bruna Galvão, Carolina
 Miskalo, Caroline Lopes, Claimar Granzotto, Daiane Rodrigues,
 David Galeano Olivera, Delfina Acosta, Edson de Carvalho,
 Fábila Tonin, Fábio Campana, Fabiula Wurmeister, Felipe Fioreza,
 Fernanda Regina da Cunha, Guzmán Ch., Ísis Araújo, Izabel
 Campana, Juvenal Payayá, Lalan Bessoni, Lisete Barbosa, Lúcia
 Misael, Maira Fernanda, Negendre Arbo, Onofre Barbosa,
 Pablo Conde, Paulo Renato da Silva, Sofi Gamez, Tati Lopatiuck,
 Toni Villas, Vania Piorezan, Wemerson Augusto

Fotolitos e impressão: Gráfica Ideal. **Tiragem:** 2 mil exemplares.

escrita 16



*O colorido de artesanato
 exposto em uma feira
 colombiana, fotografado
 por Lúcia Misael
 é a capa para desta Escrita, 16.*

Ufa! Chegamos ao final
 da construção da edição
 16 de Escrita. E ela está repleta
 de gente diferente e suas versões
 e inquietações na vida.
 Tenho sempre pensado que deste
 processo de edificarmos cada número
 de nossa revista, o que podemos
 chamar de mesmo difícil e importante
 é ordenar as riquezas que chegam às
 nossas mãos e equilibrá-las entre si.
 Quando, às dezenas, fotos, ilustrações
 e textos em prosa e verso, aportam
 na Guatá, então é hora do esforço

de tentar dar unidade e forma às páginas
 da revista. Ao mesmo tempo, acontece
 o desafio fundamental, que é manter
 a idoneidade de cada uma das obras,
 misturando-as sem desrespeitar o limite
 de sua autonomia e a razão própria de
 existirem, que é a expressão ideológica
 e emocional de cada um dos seus criadores.
 Aliás, por parte dos autores, o que existe
 é uma grande generosidade ao habilitar
 olhares e palavras para contarmos algo aqui
 e em conjunto, da aventura do viver.
 Confiam a todos nós, leitores,
 sua capacidade de existir como indivíduo.
 E, isso, é um ato de carinho extremo.
 Eu diria, sem exagero,
 revolucionariamente humano.
 Boa leitura.

☀ Silvio Campana

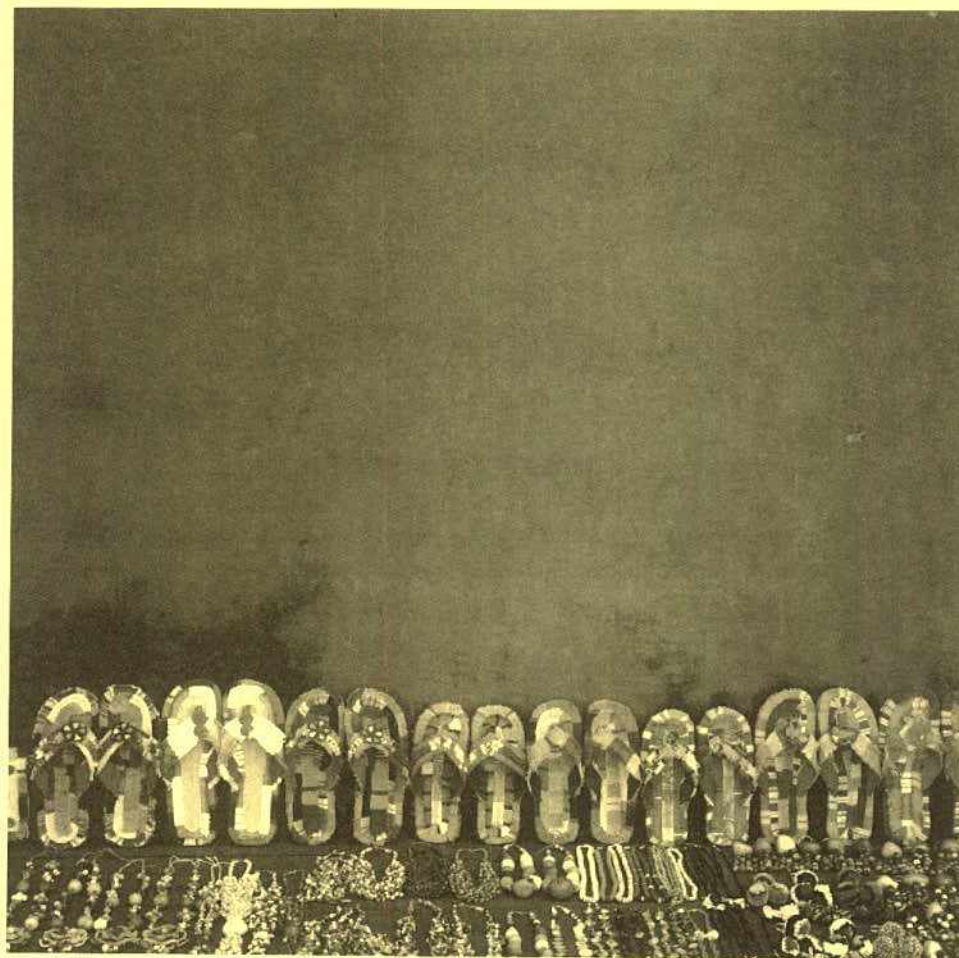
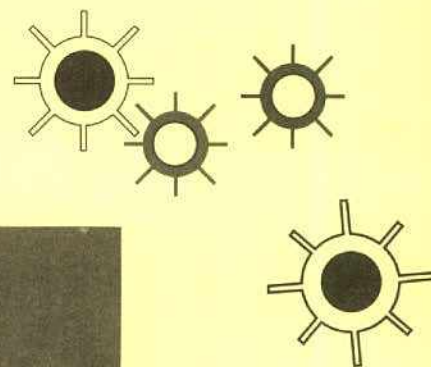
Visite-nos:
www.guata.com.br

Contate-nos:
guata@guata.com.br
 twitter:

[guata_cultura](#)
 facebook:
[guata cultura em movimento](#)

Guatá
 cultura em movimento

escrita 05



artesanaria |

Fotografia de Lúcia Misael, artista visual em Colombo, Pr.

Mundo,

mundo, vasto mundo



Em 1514, o rei Dom Manuel, o Venturoso, apresentava-se ao mundo como o monarca de um grande império que se estendia do Oriente à América.

Era a curta Idade do Ouro de Portugal que durou menos de um século. O monarca se intitulava “rei de Portugal, dos Algarves, d’aquém e d’além mar em África, senhor da Guiné e da conquista, navegação e comércio da Etiópia, da Arábia, da Pérsia e da Índia.

Tanto mar, tantas terras, tanto poder e Portugal decidiu intervir com peso na política internacional. Antes de tudo, quis dar ao mundo uma demonstração de riqueza. Mandou a Roma uma embaixada faustosa para deslumbrar o mundo.

O cortejo português saiu da Praça do Povo, em Roma, em direção ao Vaticano. À sua frente desfilavam 300 cavalos enfeitados com mantos de brocados de ouro, montados por cavaleiros vestido da mais pura seda do oriente.

Seguia-os uma multidão de portugueses que moravam em Roma. Padres, militares, mercadores e parentes dos embaixadores. Sobre cavalos árabes com arreios esmaltados de ouro e pérolas, apresentavam-se 50 fidalgos, adornados com chapéus de plumas bordados com aljófar, colares e anéis de ouro e pedras preciosas, fitas e fios de seda, vestimentas de veludo e renda, portando armas e escudos artisticamente trabalhados. Besteiros, acompanhados da guarda de arqueiros do Vaticano, fechavam a primeira parte do desfile.

Músicos abriam a segunda parte e preparavam a multidão para as grandes sensações. Um elefante, animal que Roma não via desde os tempos do Império, coberto por um grande tapete oriental, carregava um cofre que continha o pontifical que Dom Manuel oferecia ao papa Leão X. Uma onça domesticada sobre um cavalo da Pérsia e dois leopardos em gaiolas douradas vinham a seguir.

Não foi possível apresentar o rinoceronte que morreu durante a viagem e depois empalhado. Nem o carregamento de pimenta malagueta, cravo, canela e gengibre que vinha numa nau que naufragou.

No final do desfile, o embaixador Tristão da Cunha acompanhado de nobres, prelados e altos funcionários portugueses. Das ruas, janelas e telhados de Roma, ao som de canhões e dos sinos, uma multidão apreciava o desfile. No Castelo de Sant’Angelo, o Papa em pessoa recebeu a embaixada.

Este acontecimento de março de 1514 é emblemático do apogeu do “mundo que o português criou” no dizer de Gilberto Freyre. Depois, os séculos de decadência e as marcas deixadas nesta área do planeta, visíveis na burocracia, no gosto pelo fausto e mordomias e no mundo de aparências, mesmo quando já não há o que mostrar como na época dos descobrimentos. ☀



Fábio Campana é escritor e jornalista em Curitiba, Pr.

O pecado da mídia

Que pecado seria mais pesado àquele que deturpa, manipula e infiltra no imaginário popular disseminando a ideia de que todas as mazelas do mundo atual são fatos isolados? A realização de um espetáculo diante de uma tragédia provocada pela insanidade de um dos tantos insanos gerados pelo sistema capitalista, em nenhum momento aponta para si. A mídia tem o poder de se eximir da culpa. Não oferece sequer a mais remota possibilidade de que tais fatos possam advir de uma sociedade cada vez mais pautada pelo individualismo e por valores estabelecidos pelo sistema dominante.

No sofá da sala testemunhamos quase que instantaneamente o show de horrores em uma escola do Rio de Janeiro. Os mestres consultados pela reportagem jamais sugerem que tais fatos podem ter uma ligação com a sociedade em vivemos, com os valores apregoados por essa mesma tevê que especula as razões do acontecido. A forma de repercutir este tipo de acontecimento já está pronta, é um modelo pré-fabricado, lançado no momento em que o fato ocorre. Este modelo parece querer compreender cada detalhe do assunto em questão, porém, já está programado para excluir o real motivo.

Para que haja compreensão destas questões é necessário apropriar-se do conhecimento sobre o “modus operandi” do capitalismo. A mídia, ao tratar determinados assuntos (inquietantes para sociedade) utiliza-se do efeito ideológico para produzir a dominação. E este é seu papel, enquanto reprodutora do sistema. A sensação que temos ao assistirmos uma reportagem tão bem recheada de fatos e desdobramentos possíveis é a de que aquilo é a mais pura expressão da verdade. Quem há de contestar?

Neste padrão de qualidade se dissimula o cerne da questão. Sem mencionar a realidade por trás dos fatos, a verdade dura de engolir, aquela que nos revela que o verdadeiro mal está inserido diretamente no seio da sociedade dominada e manipulada pelo capitalismo.

A grande mídia, enquanto parte do sistema jamais colocará à disposição da massa a triste realidade em que vivemos. A doença não é apenas do homicida, é a doença da sociedade, é a doença da própria mídia, é o mal estar provocado por um modelo que castra identidades e gera as patologias do chamado “mundo moderno”. A forma não explica que hoje os consultórios psiquiátricos

(e outros) estão lotados de humanos que ainda não estão totalmente enquadrados naquilo que seria o ideal da sociedade capitalista, mas que vivem diariamente a angústia de tentar fazer parte deste ideal. Assim, o melhor é rotular estes desagregados como bipolares, depressivos, maníacos e tantos outros adjetivos que explicam os conflitos internos.

Para uma comunicação a serviço da classe dominante é muito mais apropriado promover um sistema de consciência coletiva, isolando fatos, do que tocar no olho do furacão. Quando o telespectador ouve o jornalista citar uma possível ligação do assassino de crianças da escola com redes extremistas islâmicas, logo ele fará uma associação com a reportagem que leu na semana anterior, justamente sobre este “tipo de gente”. Pronto; a consciência coletiva está montada, conforme deve ser, a ordem está legitimada.

Assim, com a população adestrada para “entender” o que passa em sua sociedade, o fluxo segue seu rumo normal. O pecado já tem um dono. A mídia já esclareceu tudo que lhe caberia e a ideologia é reproduzida para cumprir seu papel legitimador do poder dominante – como sempre. *



Fernanda Regina da Cunha é jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.



dia de chuva

Fotografia de Caroline Lopes, turismóloga em Londrina, Pr.





siesta combartida

Fotografia de Daiane Pereira Rodrigues,
estudante brasileira radicada em Assunção, PY.

Modo de usar: Texto en base a la realidad de los barrios segregados en Uruguay, leer pausado e imaginando.

Frazada vieja, apolillada, trapo de piso que asoma entre las hendijas del rancho. Chapa negra, abollada, papeles viejos, cartón mojado, collage impensado allá "arriba".

Caballo gordo de mugre, de ojos tristes, peón asalariado sin sindicato que valga.

Gurises con mocos, asustados, "desaprovechados", adultos perdidos sin laberinto, perdidos de libertad o en libertad, viejos críicones esperando su hora y la de los demás.

um conto de guzmán Ch.

Estaba ahí, un poco caminando, un poco pensando; como cuando te cae la ficha... Robaron el barrio y seguro fueron pibes de ahí, hay sospechas y culpas, todas a la pasta base.

El asentamiento es de los más antiguos y en su larga existencia no siempre estuvo la pasta. Habría otras porquerías, otros flagelos, pero son vicios que cambian con el tiempo y no son casuales. Sino a causa de...

A causa del achanchamiento, de la conformidad, de la larga espera de que alguien se apiade de nosotros.

Entre bolsas y sobras de vaya a saber que barrio, caminaba y conversaba con vecinos, mientras cada uno se iba por su pasaje.

Mis ojos y mi nariz caminaban incómodos, haciendo que me atormente y moleste una vez más nuestra pobreza.

Incomodidad rebelde y de gran desafío; de respirar profundo y ojos chusmas que buscan interpelar y

entender lo inentendible.

Problemas sociales consecuencia de los pobres, de los pobres de mente que manejan un sistema, el cual necesita, no se asombra y disfruta de la miseria ajena.

Mientras saludábamos y veíamos vecinos, me comentaban que hacía cada uno; abunda el basurero, el hurgador, el del trabajo insalubre, con manos negras de mugre de por vida, falta de buenos hábitos a causa de las no oportunidades.

Al final del recorrido, éramos dos, cruzamos dos guachos y un viejo fumando pasta en pipa, el viejo aportaba la ceniza, nuestra presencia los cohibió un poco, con la mirada perdida, disimulan la pipa y siguen en la de ellos.

Salí del cante, solo; camino a la parada, no espero ni 2 minutos, me subo al 370 con mi cabeza hecha un matete y me reintegro al problema, en busca de locos que escapen a los cuerdos de atar, en busca; de "soluciones".*

☀ **Guzmán Ch.** é uruguaio e estudante da Unila em Foz do Iguaçu, Pr.

Gebing

Transportes Ltda.

Fretamento
para roteiros
urbanos
e viagens
intermunicipais.



Pacotes especiais para:

- Escolas
- Igrejas
- Empresas
- Eventos culturais

Tel: (45) 3525 0520
(45) 9926 1231

Foz do Iguaçu - Pr.



Aniversário do golpe

Se a mentira e a covardia servissem para comemorações, no dia 31 de Março caberia termos acendido velas para um aniversário de 47 anos. Atrás do bolo, lá estaria o golpe de estado responsável por uma ditadura de vinte e um anos no Brasil. Ainda que se esteja longe de realizar esse macabro ritual, cobrar a responsabilidade pela violação de direitos humanos no período 1964-1985 chega a causar mal-estar público, a ponto de aparecerem opiniões que justificam a tortura, a censura e os casos dos desaparecidos políticos. Por outro lado, muitos espaços midiáticos se abrem para a discussão, sinal da demanda por maior visibilidade à memória política.

Mentiras à parte, o golpe se

deu na madrugada de 1º de Abril, como explica Elio Gaspari: “o Exército dormira janguista, acordaria revolucionário, mas sairia da cama aos poucos” (“A Ditadura Envergonhada”, 2002). Quem procura conhecer mais do período se informa que não foi uma conversão simples – “uma vontade geral”. Cerca de 50 mil pessoas foram presas somente em seus primeiros meses. E vale lembrar aos arautos da lei e ordem, os que condenam a “anarquia” dos anos 1960 que o “31 de Março” foi pura quebra de disciplina, uma insubordinação contra a estrutura militar.

Sobre a maior demanda por visibilidade à memória política basta ver exemplo de uma cidade interiorana com Ponta Grossa (PR). Em 2010, pelo menos dez artigos formaram a polêmica em torno do legado do regime de exceção. As homenagens e auto-homenagens do período, como o de haver um núcleo habitacional e uma linha de ônibus ostentando a data do golpe, baseou parte dos escritos. O conjunto de textos traz até mesmo opiniões que relativizam a ditadura e os crimes de Estado. Mais que espaço opinativo, os meios de comunicação dedicaram espaço informativo: em impressos (em coluna

política de diário, em reportagem de semanário), em matérias da TV (até em canal aberto), em meio digital, em programas de rádio (inclusive com atitude de deslante de ex-deputado), na blogosfera e em redes sociais.

Há pelo menos 426 mortos e desaparecidos políticos no Brasil. Isto é, pessoas que as autoridades governamentais jamais assumiram ou divulgaram a prisão e morte, apesar de terem sido sequestradas, torturadas e assassinadas por órgãos de repressão. A ditadura institucionalizou a mentira e a covardia. Ao lado de vítimas anônimas figuram casos célebres como o de Rubens Paiva e de Vladimir Herzog, que ilustram a moral e a civismo defendida pelos poderes vigentes.

Em 1971, no Rio de Janeiro, Rubens Paiva teve a casa invadida por agentes do serviço secreto do governo militar. Foi levado para prestar depoimento e nunca mais foi visto. Ele era ex-deputado e pai de cinco filhos. Essa história foi detalhada pelo jornalista Jason Tércio em “Segredo de Estado” (Objetiva, 2010). Em 1975, o diretor de jornalismo da TV Cultura do estado de São Paulo Vladimir Herzog

compareceu às 8h para prestar depoimento junto ao DOI-Codi e defender sua inocência nas acusações de que era alvo. Pela tarde estava morto, resultado de um “acidente de trabalho” como se expressa Paulo Markun quanto ao nível de tortura a que foi submetido seu colega de profissão. No dia seguinte, V lado foi apresentado por meios oficiais como suicida – o 38º suicida produzido nos porões da ditadura.

O aniversário do golpe quando chega faz muita gente parar e pensar – o que é que se sabe sobre o período militar e sua herança autoritária? E, mais importante, as pessoas se questionam sobre como contribuir para dar um sossego às famílias dos desaparecidos políticos (leia mais em <http://www.desaparecidospoliticos.org.br/>). Qualquer esclarecimento toma a forma de um serviço prestado para o país. Vale para quem tiver um depoimento a gravar, uma memória a escrever, um documento a publicizar, uma expressão artística a apresentar. Cabe a todos denunciar os crimes de lesa-humanidade entre 1964-1985. A ditadura militar virou uma pedra que perturba o sono do brasileiro bem na altura da coluna, apesar de estofada entre plumas e e star coberta por rendas. ☀



Ben-Hur Demeneck é jornalista e mestre em Jornalismo em Blumenau, SC. Coordena o movimento 31pelo15 (www.twitter.com/31pelo15). Reedição de texto publicado na página virtual da revista Carta Capital (Coluna do Leitor, 31/03/2011)

Impressão colorida laser
Encadernação
Plastificação
Laminação
Crachá
Cópia


Til
Reprografia

til@tilreprografia.com.br
3572 8703 | Av. Paraná 960
www.tilreprografia.com.br

SuQtel

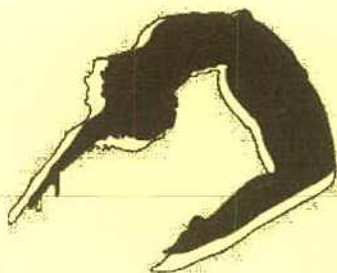
FOZ DO IGUAÇU
Rua Quintino Bocaiúva, 653
Telefone: (45) 3572.5272

Rua Xavier da Silva, 649
Telefone: (45) 3523.9101

JOINVILLE - SC
Rua XV de Novembro, 640
Telefone: (47) 3433.4650

BLUMENAU - SC
Rua XV de Novembro, 1422
Telefone: (47) 3336.0975

delfina acosta



Palomas de repente en mis mejillas.
Un sacudir de alas si regresas,
amante, a mi presencia y me perdonas
y arrancas de mi amor la sola queja.
Me juras por tus muertos, yo te juro
por Dios que a los demonios atormenta.
Y en brasas se convierten las palabras.
En pájaros sangrientos que pelean
por las migajas de las hostias últimas.
Ámame hombre en esta noche negra.
Mi historia es ésta: un lecho solitario,
un despertarme atada siempre a hiedras
y una almohada llena de tu rostro.
Mi vida toda es sólo sueño, niebla.
Mas llegas y mi voz ya no es cautiva.
Y aquella que te amó se me asemeja.



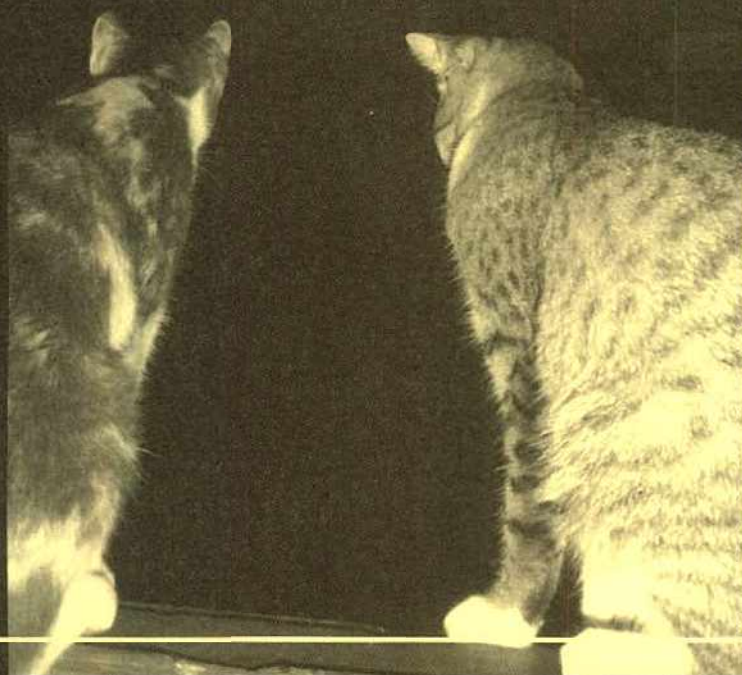
Delfina Acosta é jornalista e escritora em Assunção, Paraguai.

Ropaje

*Es el mar mi ropaje: así desnuda
como una enorme ola a ti yo llego.
Mi ocasión la tormenta y los relámpagos,
y es la montura de mi amor el viento.
No retorno: yo voy pues son mis pasos
como a la hierba la pasión del fuego.
Soy la bestia de larga cabellera
que lame la otra lengua que es el beso.
En la forma de piedra me hallo a gusto
porque es así tan duro mi silencio
que no lo vencerá el dolor del mundo,
ni del odio la gota de veneno.
Es el mar mi ropaje: así desnuda
como una enorme ola a ti yo llego.
Brotaron en mis manos de agua sucia
las flores venenosas de estos versos.*

Estatua en la plaza verde

*Te esperaría. Yo sería, amado,
la primera en llegar hasta la vía,
y la última en volver, con un paraguas,
de la estación del tren que te traería.
Iré hasta el mar como la lluvia, a veces,
y pasaré del mar a la otra cita,
en el muelle del puerto, frente al río.
Seré la gris silueta que tiritita.
Inmensamente sola como novia
saldré a buscarte y volveré tardía.
Del balcón a la plaza partiré.
Seré una estatua de melancolía.
Y a la hora puntual de nuestras muertes,
si llegara primera a nuestra cita,
te estaré ya aguardando para darte
mi amor en una blanca margherita.*



felinascidades



Fotografia de Fernanda Regina da Cunha,
jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

O forte

Em frente minha casa no alto do morro tem um Forte; desses com muros gigantes de pedra com guaritas por todos os cantos. Do outro lado, uma ponte bem iluminada corta o céu na noite quente de verão e as luzes dos barcos na Baía e dos carros na ponte não deixam dúvidas:

A liberdade de atravessar a ponte me fascina.

Mas e as guaritas?

Eles vigiam todos que desejam fazer a travessia e sem se dar por satisfeitos tentam destruir esperanças e aniquilar os sonhos de quem quer que seja.

Nos porões escuros repletos de ratos por trás dos muros é o último lugar que se vai parar sendo pego tentando atravessar.

Mas é hoje e não esperarei mais um dia sequer!

Arrumar as malas não é difícil pois

não as tenho e tão pouco o que colocar dentro.

Mas o medo, levarei comigo?

Mesmo que desejasse não suportaria o peso e a dor da derrota assolando meu ser como um fantasma por toda vida.

Estou na porta da frente e não consigo abri-la; o medo de ser arrastado sem chance ao menos de falar, ver o rosto do carrasco – pois sim, boca amordaçada, olhos furados com pregos quentes, punhos cerrados – me faz pensar se a liberdade é assim tão recompensadora.

Maldição!

É isso que eles querem!

Medo, assombração!

Abro a porta e corro - o mais rápido que posso – atravesso a ponte.

A liberdade me deu asas. ☀



Felipe Fiorenza Nunes é educador popular e artista de rua no Rio de Janeiro, RJ. Participa do coletivo Ecoaeco, de Porto Alegre, RS.

“Neguinha, olha pra trás, acho que a corrida acabou”



Foz do Iguaçu (PR), domingo, 27 de março, manhã tranquila, e clima agradável. Mal larguei as malas, às 4 da manhã, e o celular dispara sua buzina, informando que já era hora de levantar. Era dia de corrida de rua. Total de sono: quase duas horas. E mais, o tempo não daria para municiar o organismo com a fórmula mágica: arroz, feijão e farinha.

O jeito foi agarrar uma barra de cereal e sair correndo com a Neguinha, minha esposa, que já estava aquecida, repousada e ansiosa para sua estreia acima dos dez quilômetros. Em poucos minutos, já estávamos na Avenida Paraná, em frente à sede da Polícia Federal, local da largada. Muitos amigos, corredores e caminhantes por lá.

A primeira largada foi dos cadeirantes. Logo em seguida, a disparada geral. Teve camarada que soltou a língua logo na primeira esquina; alguns foram mais ousados, largaram os pontos nos primeiros cem metros; outros mais realistas, já iniciaram a prova caminhando.

Mas o que move este relato é a emoção de ser o último a cruzar a linha de chegada da 1ª Corrida da Polícia Federal — “Combate às Drogas”, realizada em Foz do Iguaçu. Jamais pensei em uma proeza assim. Também não me lembro de ter lido alguma história de pessoas comemorando a última posição numa modalidade esportiva.

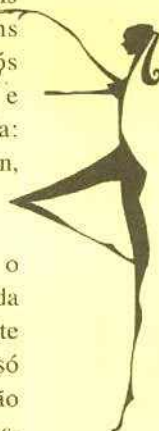
Dos cerca de 900 corredores, a maioria

se dividiu na corrida de 5,3 quilômetros e na caminhada de rua. Eu, a Neguinha e outros malucos corremos o percurso de 10,6 quilômetros. Para a nossa surpresa, quando chegamos à metade do caminho, não enxergamos mais ninguém na nossa frente, muito menos atrás. Desespero? Alegria? Pressão? Risos? Sentimos um pouco de tudo isso.

Apenas batedores, socorristas, policiais federais e o caminhão que recolhia os cones nos acompanhavam. No caminho, giroflex, sirenes e aplausos da galera. Motoristas, jovens, idosos e vizinhos da corrida vibravam com nossa passagem, num sarro educado.

Na Avenida Jorge Schimmelpfeng, mais precisamente na baixada do Boicy, uns gringos desavisados pensavam que nós estávamos liderando a prova. Gritavam e pulavam com suas meias até a canela: “Champion, champion, champion, champion, champion”.

Eles certamente não sabiam que o campeão já tinha cruzado a linha de chegada havia uma hora. Daquele momento em diante o riso tomou conta da gente. A pista era só nossa. E a chegada foi maravilhosa. Não esperávamos tanta gente, aplausos e abraços. Vencer, ousar, realizar depende muito de quem vive as experiências. Dia 3 de julho tem mais, é “nóis” na Meia Maratona das Cataratas do Iguaçu, em Foz do Iguaçu (PR). ☀



*a nossa escrita,
que é a escrita da guatá,
é, digamos,
só pra dizer,
diferente na origem.
é assim porque
temos cada um
seu jeito e sua
história pra contar.
nossa escrita
é, por isso mesmo
do jeito que é,
ou seja, do jeito
de cada um
e, ainda assim,
de um jeito só.
para realizá-la,
escrevemos
e entendemos
que se pode
contar as coisas
de cada um pra se
falar daquilo
que é de todos
para todos.
e, isso, de muitos
jeitos diferentes.
para se ter uma idéia,
a escrita pode ser
até em português.*

**leia,
divulgue,
assine.**



www.guata.com.br

"A vida não rima em três ou quatro minutos. Às vezes é preciso um disco inteiro para descrever uma pequena coisa que nos aconteceu." Elvis Costello

a triste história

Olá, cristalizado leitor.

Comprei uma bolacha esta tarde, para me fazer companhia nos momentos de desespero no trabalho. Você sabe, a vida é bela e injusta ao mesmo tempo. Por vezes torna-se difícil suportá-la, sobretudo em horário comercial. Nestas ocasiões ter um pacote de biscoito torna tudo mais leve e saboroso e é neste tipo de auto-ajuda que eu acredito.

Mas a bolacha. Não citarei a marca, posto que esta não é uma crônica paga e mesmo se fosse, não sei se tal empresa aceitaria este tipo de publicidade. Viver supera qualquer experiência. Escrever educa. Esta é uma crônica que vai relatar brevemente o episódio da bolacha e seus desdobramentos em minha vida.

É necessário salientar que ao adentrar a loja de guloseimas eu só tinha um real para gastar. Sim, sim. Tudo isso que você está lendo são os bastidores da minha vida. Sim, sim. Um real e o coração repleto de amor eram só o que eu tinha ao adentrar a loja de guloseimas. O orçamento apertado, a gulodice apertando, foquei nas prateleiras mais modestas do estabelecimento.

Se você for pegar a história da indústria de guloseimas vai ver que bolachas nunca foram um artigo exatamente barato, ao menos não no quesito custo X benefício. Quando criança somos levados a acreditar que as bolachas são mais acessíveis, já que são nossos pais quem bancam tudo e a gente só vê a mamãe chegar com as compras, nunca vê o papai o dia todo se lascarando na labuta pelo salário que paga essas compras. Pegamos apenas o resultado final, chafurdamos em um copo de leite e comemos vendo *Pica-pau* na TV.

Que fase gloriosa.

Já crescidos a coisa muda de figura. Então você tem 26 anos, um

real no bolso e quer comprar uma bolacha. Tente encarar isso.

É curioso observar como o mundo é repleto de promessas feitas por quem não as pode cumprir. No universo da bolacha, isto é palpável e vem nos sabores chocolate, morango e baunilha. As bolachas mais caras (e mais gostosas) são as que têm as embalagens mais sisudas: apenas a marca, uma imagem ilustrativa e pronto. Você não precisa mais do que isso. Você *sabe* que a bolacha é boa. Ela custa quatro reais, caramba. *Tem que ser boa.*

Já as bolachas mais, como direi, *modestas*, tem as embalagens mais poluídas visualmente. Em cores gritantes, com desenhos de bichinhos (alguma turminha que querem que você se identifique e ame) e repletas de falsas promessas. Quer dizer, você só tem um real, você sabe que não vai conseguir uma das melhores. Mas a bolacha modesta, mesmo sendo ruim e sabendo-se ruim, quer que você acredite que está fazendo um grande negócio.

São sempre frases de incentivo, tais como: "*Deliciosa!*", "*Perfeita!*", "*Combina com tudo!*", "*O sabor da galera!*", "*Sete milhões e meio de vitaminas!*". Este tipo de coisa. Isso mais entristece do que motiva o consumidor. Oras, a bolacha se chama XikiXiki (nome fictício) e custa noventa centavos. É LÓGICO que ela não combina com tudo. Combina só com o meu bolso e olha lá.

A bolacha modesta que escolhi esta tarde me custou noventa centavos. Foi o melhor que pude fazer. Recheada, sabor chocolate. Parecia promissor, dentro das possibilidades. Já no trabalho, em um momento de rara beleza, me dispus a examinar a embalagem do quitute enquanto o degustava. Duas falsas promessas em especial me chamaram a atenção. São elas:

Por que o biscoito TucTuc (nome fictício) é tão gostoso?

da bolacha premonitória



Havia um pequeno texto respondendo à questão de maneira exageradamente elogiosa. Se a questão fosse dirigida à mim, porém, a resposta seria outra. Gostaria de compartilhar com vocês:

Por que o biscoito TucTic (nome fictício) é tão gostoso?

E por que o céu é azul, o mar é poluído e os desertos são temas de romances de auto-ajuda de escritores brasileiros que consideram magos? As coisas e as pessoas são o que são, mas acima de tudo, são o que elas querem que elas sejam. Para mim o biscoito TucTic é horrível, mas só tenho a ele. E você dizendo que ele é gostoso acaba me fazendo acreditar que ele realmente o é. Assim age o ser humano, acredita no que lhe dão para acreditar.

Esta seria a resposta que eu colocaria na embalagem, apenas mantendo a fonte Comic Sans da resposta original, por cortesia.

A segunda falsa promessa da bolacha é, na minha opinião, a melhor falsa promessa que eu já li em uma bolacha. Vou além, é a melhor falsa promessa que já vi na vida e olha que eu já vivi um

bocado.

Na tela:

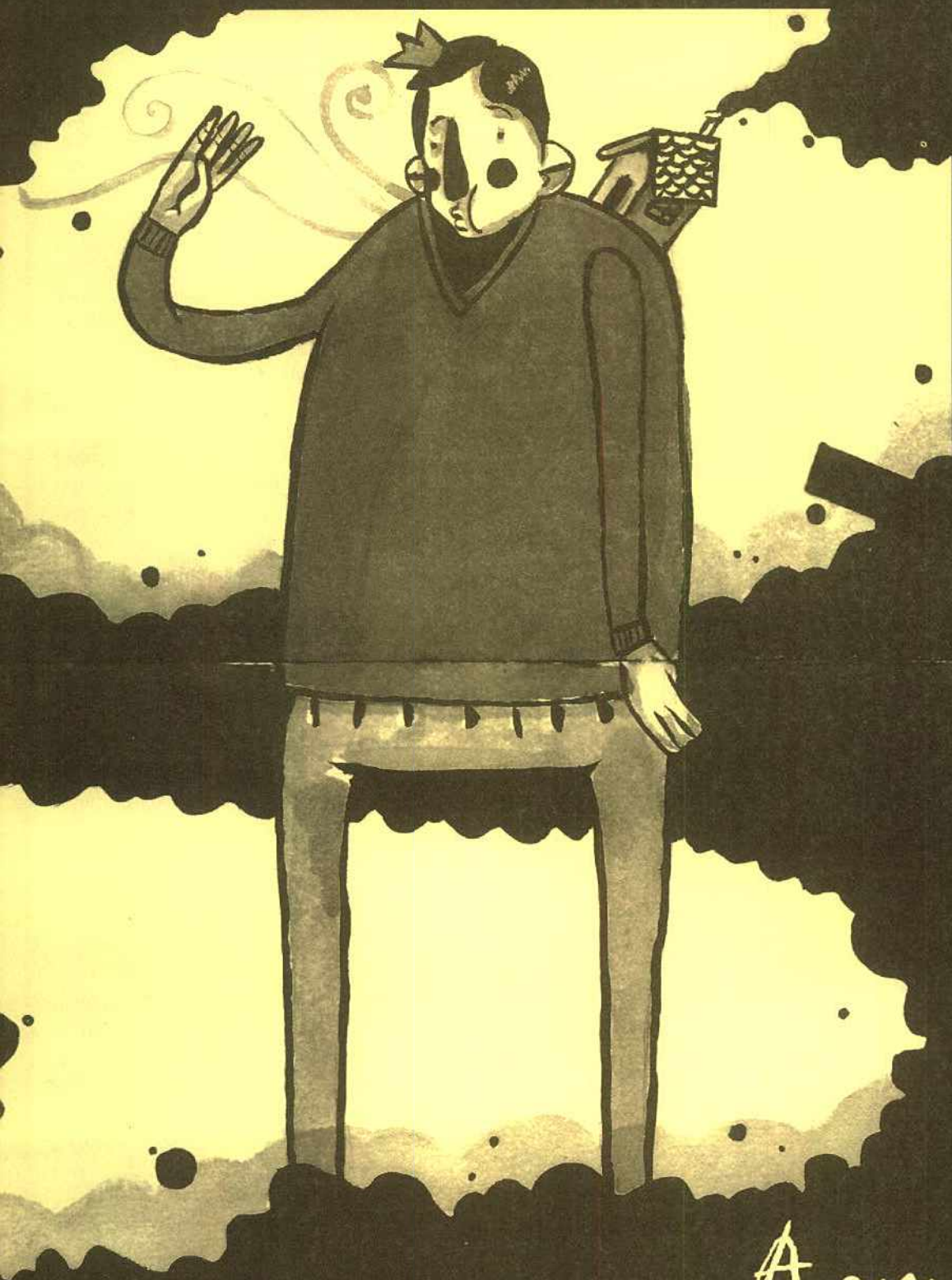
*De um jeito
ou de outro, todo mundo come!*

Juro por Deus. Eu quero dizer, como assim “de um jeito ou de outro”? Significa que não adianta eu fugir, trabalhar, ganhar bem, de um jeito ou de outro eu vou acabar tendo só um real no bolso e só podendo comprar uma TucTic? É isso? Que tipo de monstro sem coração escreve essas frases? Eu achei que esta bolacha me faria bem, mas me deixou arrasada! Como confiar em um alimento onde a ironia da embalagem é mais fina que o recheio do produto? E o que quer dizer este “todo mundo come” macabro no final da frase? Seria uma maldição, o mundo todo vivendo à base de TucTic pelo resto da eternidade? De um jeito ou de outro, a humanidade condenada?

Por sorte Deus me ajudou e achei mais quarenta centavos no bolso, o que, somado ao troco da bolacha me possibilitou comprar um bombom. Foi o que me salvou do futuro terrível que vislumbrei e que quero esquecer para sempre. Comendo bombom a vida é mais feliz. Bombons não mentem, não iludem. São o que são. ☀

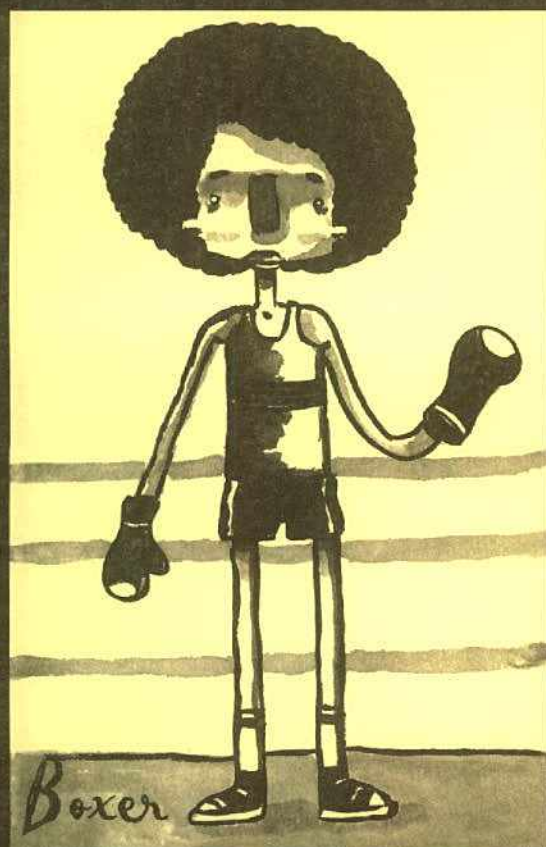


Tati Lopatiuk é redatora e mora em São Paulo, SP.



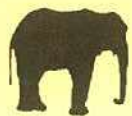
A casa

Figuras de laan bessoni



Lalan Bessoni
é ilustrador
e publicitário
em Foz
do Iguaçu, Pr.





Hoje não. Amanhã.



Há quem diga que Dom João VI foi um grande procrastinador. Deixava tudo para depois. Inclusive a decisão de sair de Portugal em direção ao Brasil. Em nosso favor, anos mais tarde também adiou o quanto pôde o retorno à pátria lusa.

Dizem ainda que foi essa característica que acabou por fazer dele o único monarca europeu a enganar Napoleão. Não decidir se aderiria ao bloqueio continental contra a Inglaterra o salvou de ter Portugal invadido e seu trono tomado antes que pudesse escapar em direção aos trópicos.

Conselho semelhante recebi um dia, ainda pequena, de Jamil Snege. O turco defendia que, diante de um problema, o melhor a fazer era esperar que ele se resolvesse por si só. Nada de angústia. Apenas aguardar até que a solução desse o ar de sua graça.

Não se tratava da ideia presente no velho ditado: "O que não tem remédio, remediado está". Não. O conselho consistia em aguardar o remédio, que viria naturalmente, ou pelas mãos de outrem, sem necessidade de esforço e sem o risco de agravar ainda mais uma situação fora do controle.

Não sei sobre a validade do conselho. Mas penso que procrastinar é umas daquelas coisas inerentes ao ser humano. Não há quem não deixe para depois um trabalho, ou invente outras tantas urgências para não dar conta de uma simples tarefa.

Há sentimentos que parecem fazer do homem, homem. Amor, ódio, inveja, solidão. Experiências que fazem parte da grande experiência de ser gente. E essa relação complicada com o tempo parece ser uma delas.

Outro ditado famoso diz que o tempo passa quando estamos nos divertindo. Mas ele passa ainda mais rápido quando estamos procrastinando. E isso nem sempre significa diversão ao invés de obrigação. Boa parte de adiar uma tarefa é envolver-se em outra tão enfadonha quanto a primeira. Exceto pelo fato de não ser a primeira.

Outras vezes, culpar-nos por não dar cabo de um compromisso é a principal coisa que fazemos enquanto adiamos o dito cujo. Talvez tenha sido em momento assim que Fernando Pessoa escreveu "Adiamento". Uma ode ao depois de amanhã que congrega todos os sentimentos de deixar o dever de lado.

Mas Pessoa não foi o único procrastinador famoso. Mark Twain proclamou a célebre frase: "Não deixe para amanhã o que você pode fazer depois de amanhã". Lord Byron, por sua vez, conclamou todos à procrastinação. "Vamos ao vinho, às mulheres, à mirta e aos risos; sermões e soda, deixemos para amanhã".

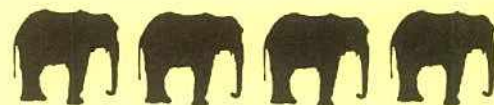
Adiar parece mesmo ser universal. Procrastinar é palavra de origem latina. Mas os gregos também adiavam e chamavam isso de akrasia, que significa fazer algo mesmo sabendo de sua contra-indicação. Sócrates acreditava que a ignorância tinha de estar por trás do comportamento de ir contra seus próprios interesses.

O exemplo de Guimarães Rosa, porém, desmente o filósofo. Rosa adiava sua posse na ABL por achar que quando isso acontecesse, o ciclo de sua vida estaria completo e ele então morreria. Pressionado para tomar posse, assumiu o posto de imortal. Morreu uma semana depois.

O conselho do Jamil em prol do adiamento parece carregar muita sabedoria, afinal. ☀



Izabel Campana é advogada em Brasília, DF. Publica suas crônicas na revista Ideias.



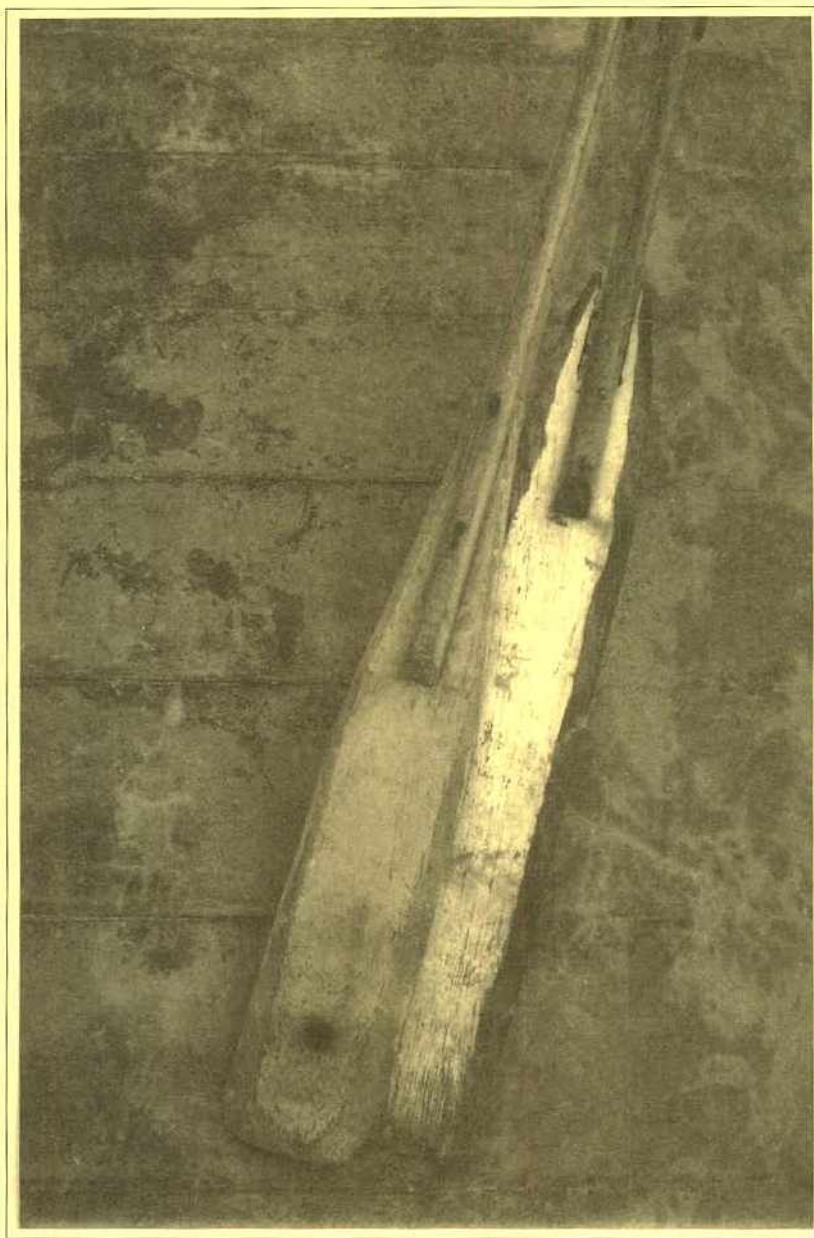
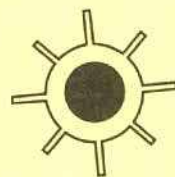


palco



Fotografia de **Sofi González Gamez**,
estudante de arquitetura, vive em Ciudad del Este, PY.





| rumo ao farol

Fotografia de Cleimar Granzotto, livreiro em Foz do Iguaçu, Pr.

A Noite

Há quem chegue à noite cedo demais. Há os que insistem em negá-la, já que a noite, com seus caminhos por vezes escuros demais, por vezes imprevistos demais, assusta, atordoa, aniquila. Mas, inexoravelmente, ela chega. E não precisa ser de todo negra. Ao subir no carrossel desgovernado que é a vida, os arduamente anoitecidos – sim, anoitecer é sempre árduo – podem ser arremessados ao encontro do mais bonito que existe em si mesmos. Respirar, existir com a plena sabedoria que os melhores, e só os melhores anoitecidos conseguem alcançar, como se embalados pelo vento no topo da mais bela e mais alta colina que existiu ou existirá nesse mundo, no seu mundo, iluminada com as verdades encontradas pelo caminho dessa noite que, uma vez encontrada, não se perde jamais. ☼



Isis Araújo é estudante de Medicina em Pelotas, RS
Pablo Conde é ilustrador em Pelotas, RS



ADVOCACIA

Criminal - Cível - Trabalhista

Fone: (45) 3027.1779

Av. Brasil, 531, Sala 54,
Gal. Center Abbas, Foz do Iguaçu, Pr.

Aurea Cunha Fotografias

Fotojornalismo
& Publicidade

(45) 99774490



Sigilu's

Contabilidade e Assessoria Ltda.

Fone: (45) 3523.5886

e-mail: sigilus@foznet.com.br
Rua Rui Barbosa, 361, Centro
Foz do Iguaçu, Paraná

MEGAFONE



Projeto
de comunicação
cidadã

www.megafone.inf.br

contratiempo

Homenaje a Lucia y Juanito

de antonio villas

(7 coplas[1] populares, sin pretensiones)

1. Flamenco

¡Ay! que surge inopinado
Don[2] Juanito, el bailarín
Trae el cuerpo empinado
Viene zapateando al fin[3].

2. El Majo

Alza los brazos el mozo[4]
Corta el aire con soltura
En paso viril estruendoso
despliega una arquitectura[5].

3. ¡Torero!

Marca el cante[6] afirmativo,
Guapo[7] es, ligero y fuerte,
Echa estocadas[8], altivo: ¡Olé!
Desafiando a la muerte.

4. La maga Lucía

Júntasele una dama
Y él le hace la corte
Y la movida se inflama
Pues ella le iguala en porte.

5. Ovación

Dos o tres evoluciones
Le bastan a la pareja
Ya nos sacan ovaciones,
Pero él arquea la ceja[9]...

6. Estorbo

¡Era lo que nos faltaba!
Entra un borracho metido
Fofo estorba el mal parido[10],
Lo que ya tan bueno estaba.

7. ¡Arruinao![11]

¡Vaya, pues, qué mala suerte!
La faena[12] tan esperada
Se terminó arruinada
Por una vaca[13] tan torpe.

GLOSSÁRIO

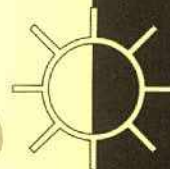
- [1] Copla es lo mismo que 'quadra' en portugués.
[2] Don es término cariñoso y equivale a 'Seu' como en 'Seu Joãozinho'.
[3] Sucede que, hace días, yo esperaba por una segunda demostración de flamenco por parte del joven mesero y de la Sra. dueña del restaurante y, en esta ocasión, por las 11 de la noche, con música apropiada, ellos se animaron...
[4] Mozo es joven, pero también 'garçon', claro que exploro ambos significados.
[5] Los pasos y gestos de este baile sevillano son por demás dramáticos; tocan el alma con muy profundos sentimientos de amor, de traición, de nostalgias; el que lo cante por veces también lo baila y domina el espacio, impresiona la audiencia con el ritmo muy marcado. ¡Es todo tan electrante! Esto exige atletismo y ¡qué letras para tan deliciosas! por veces de una sencillez..., todo se va enredando, por esto es que le digo 'arquitectura'.
[6] Lo mismo que canto.
[7] Esta es una palabra muy característica del castellano y significa bonito, resuelto y galán.
[8] Como los golpes característicos que se le da al toro.
[9] 'Arquea la ceja' es 'mira con desconfianza', en este caso, al intruso, un joven polaco alcoholizado, alto, gordito y amanerado que quería bailar a todo coste...
[10] ¡Hijo de puta!
[11] Ciertas regiones hispanohablantes simplifican las palabras, eliminando las 'dd' de las sílabas finales, como en este caso. Esto es muy común en la costa de latinoamérica.
[12] En la Tauromaquia, en portugués 'tourada', 'faena' es cada una de las operaciones que se verifican con el toro, hasta su ejecución, cosa tan cuestionada en los días que corren, como has de estar sabiendo...
[13] Pues un toro de mala calidad, coberde o despistado, no merece más que ser llamado de 'vaca'.



Antonio Villas é estudante
da Unila em Foz do Iguaçu, Pr.

olhos

soujo



bolivianas

Fotografia de Bell Oliveira, atriz em Curitiba, Pr.



escrita 27

epidemia de poesia ebiqewis qe bogeiz

PESCADOR DE ESTRELAS

Lanço meus versos aos céus
e meus versos são anzóis
pescadores de estrelas

Dirijo meus olhos ao mar
e a noturna dança dos faróis
me fala de naufrágios e sereias

as frases inocentes que traçamos nas areias
as ilusões de amor, inconsequentes
os sonhos, as canções, as luas cheias
a luminosidade de prata nos lençóis

todas as canções que meu violão semeia
plantando melodias reluzentes
armadilhas de amor ferozes e indecentes
como indecentes e ferozes são os gestos
da fogueira do amor que me corrói.

Negendre Arbo

A garganta arreganha, palavras estranhas
querendo sair de minhas entranhas,
a mente barganha com a garganta que, arranha.

Andréa Palmar

Ama-me
somente quando envolta estou
em teus braços fortes e quentes
Ama-me
num beijo terno e profundo
que minh'alma mal sente
a delicadeza de teus lábios
Me ame
no toque leve de suas mãos
no olhar que me diz
tudo o que preciso ouvir
Apenas me ame
no calor de nossos corpos
um delírio de prazer
e a amargura de saber
que nao podemos nos ter pela eternidade
pois partistes todas as noites
me deixando apenas a saudade

Máira Fernanda

Manobras magistrais
Magnata maioral
Malicioso maligno
Maestria mostrada mancomunada
Magnificência magnetismo mesclado
Mesmo menosprezando multidões
Mentalizando momentos mensurados

Lisete Barbosa

Espelho

**Eu
me perdi de mim mesmo
quando me vi no espelho
de reflexos tortos
que mentiam caminhos sem fim.**

**Eu
caminhei até onde pude
e com calos nos pés
e mãos que tremiam
olhei para o céu
e perguntei
onde encontrar o todo de mim.**

**Eu
não obtive resposta audível
somente caíram gotas frias
de tempestade
que me lavaram os olhos
e assim
pude enxergar
que não se pode voltar
ao começo do espelho
de si mesmo.**

Bruna Galvão

**A minha mãe faleceu, eu sofri como ninguém
e fui pra casa dos outros.**

**O meu padrinho era cego, mas era gente de bem.
Já a madrinha era uma fera: não tinha dó de ninguém.
Foi só eu chegar na casa, e eu já tinha percebido
Que eu seria um escravo,
Não era bem recebido.
Foi aí que me tornei um menino fingido.**

**Quando eu apanhava pouco, três ou quatro surras por dia,
Eu fingia que vivia, e fingia que comia, e fingia que vestia.
Quando chegava o inverno, minha vida era um inferno, eu fingia que dormia
- De dormir isso não chama: porque eu não tinha nem cama:
Uma esteira jogada num canto e um cobertor velho de linha.**

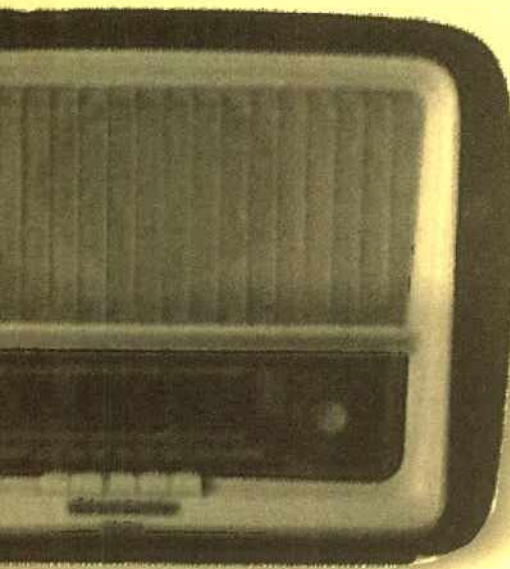
**Assim foi a vida minha
Sem ter tinta nem caneta, sem ter papel e nem linha.
Menino que fingia,
Na memória eu escrevia
E todas as minhas histórias transformei em poesia**

Onofre Clemente Barbosa



Onofre Clemente Barbosa é aposentado e vive em Cascavel, Pr.
O seu poema foi publicado originalmente no livro "Infância da Língua"
Bruna Galvão é jornalista em Pindamonhangaba, SP.
Negendre Arbo é músico em Foz do Iguaçu, Pr.
Lisete Barbosa é estudante de Economia em Foz do Iguaçu, Pr.
Maira Fernanda é estudante de Pedagogia em Foz do Iguaçu, Pr.
Andrea Palmar é brasileira, mora em Assunção, Paraguai.

Em Brasília, 19 horas!



Fabiula Wurmeister ☀
é jornalista
em Foz do Iguaçu, Pr.

“ Em Brasília, 19 horas!” Por muito tempo – e até hoje – esse era o comando para que tudo e todos parassem. Essa era a hora em que o rádio de fabricação nacional e de marca subsidiada reinava absoluto, personificando em suas formas lineares e aparadas e no seu som modulado a onipresença do comandante de discurso certo.

Esse era o comando para “aquele jovem sem nome” também se entregar às ordens que o tirava da sua inércia, efeito contrário ao que surtia sobre os demais. Sem que percebessem, saía religiosamente não se sabe para onde. Era a melhor hora do dia. Como para o comandante, aquela era a sua hora, a hora em que ganhava voz.

Todos os dias, sempre às 19 horas, era assim. Enquanto quase todos se inebriavam com aquela ideologia que há muito esperavam fosse encabeçada por alguém que certamente transformariam em líder, “aquele jovem sem nome” brincava de ser ele o comandante. Se durante a maior parte do dia, via tudo sem ser visto, ao cair da noite se apropriava de todos os nomes.

Assim, os dias, semanas, meses e anos foram passando. O medo de que o que estava dando tão certo pudesse mudar não deixava que ousassem nem mesmo cogitar qualquer alteração da rotina. Zumbis da própria sorte, alimentavam-se diariamente daquela voz milimetricamente ritmada que, ao mesmo tempo em que impunha medo e respeito, emanava a sensação de se fazer parte.

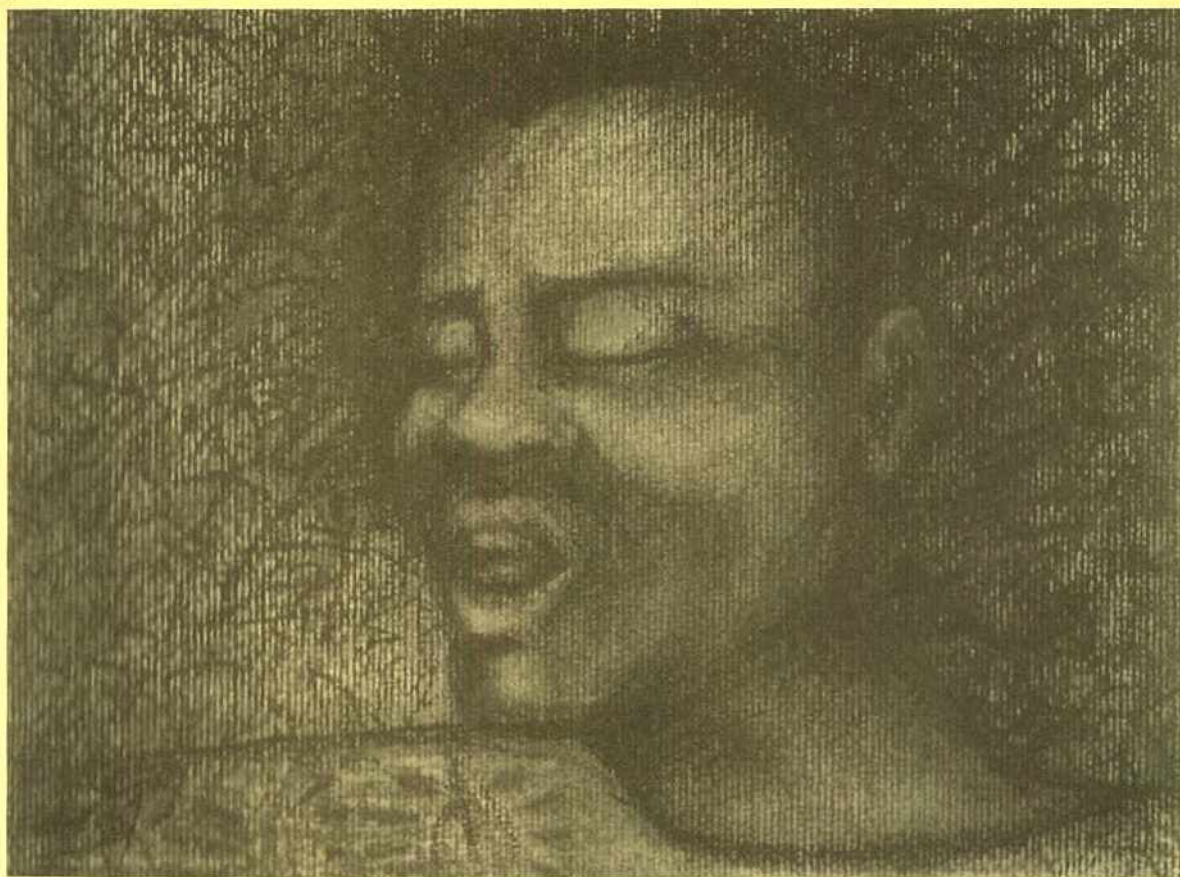
Dada noite, sem que aparentemente

ninguém notasse, “aquele jovem sem nome” descumpriu a sua rotina. Ao fundo, o eco radiofônico. Nenhuma porta se abrindo e fechando, nada dos passos rápidos e abafados. A sombra delatora não o acompanhou naquela noite e nem em várias outras. Será que ele teria ao menos voltado para casa no dia anterior? Não.

“Aquele jovem sem nome” tinha sido devorado pela decepção de ver a sua obra destruída. Como tabelião de um cartório de registros, anotou todos, os de batismo, os de casado, os artísticos, os pseudônimos e inclusive os menos honrosos mas mais usados, os apelidos. Sem querer, ao alterar os registros criou uma espécie de “livro da vida” daquela massa de pessoas.

Apesar de não acreditar e de não se amedrontar com a assustadora onipresença do comandante, estava sendo observado. As anotações, as observações, o registro de várias vidas que juntas pareciam apenas uma, sem forma, sem personalidade e sem nome não poderiam ser conhecidas por ninguém. Pessoas com nome são confiantes, fortes, uma ameaça latente ao poder aniquilante.

Longe de qualquer problema para o comando, a cidade sem nome, de pessoas sem nome e “daquele jovem sem nome” era agora mais uma cidade sem história e sem reação. Ao mesmo tempo, outros “tabeliões” começam a dar voz àqueles velhos arquivos e sem que se perceba, a qualquer hora do dia, alardeiam as novas notícias em frequências ainda sintonizadas por poucos. ✨



canta brasil

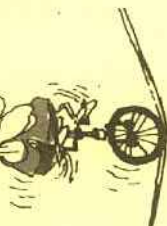
Desenho com giz de cera
(original em cores) sobre tecido.

De Vania Piorezan, designer gráfico em Porto Alegre, RS

www.guata.com.br

artes, memórias, linguagens e leituras. tudo no plural

**Tirando
de letra**



carol
miskalo

epidemia de poesia

Poesia

**O dia pede, não recuso...
Poesia
não cai em desuso...**

Trovador

trovador tagarela e talentoso.
taciturno?
quem sabe um lindo tafetá!
tece teias tentando trazer nos versos humanidade...
grande trabalhador esse tecelão das palavras.
tece tecidos finos, temperados de esperança.
com sua ternura traz trovas temáticas
na hora do tchau
temeroso, demorado, nada tedioso...
tentação é tentar ser prático e direto.
todos temas são fluentes.
temo a tendência do partir, do esquecer no caminho
temo.
um tipo atípico como esse
não se encontra toda hora
para trocar tensas e divertidas telas
pintadas pelos dias...



Carol Miskalo é atriz em Foz do Iguaçu, Pr.

O toque do telefone numa sexta-feira quando passava das vinte e três, nem o surpreendera, acostumado que estava a esses chamados fora de hora. Dr. Anselmao, dentista experiente, dedicado, nunca se furtava em atender quem quer que fosse. Um abnegado mesmo.

Do outro lado da linha uma sua paciente, voz aflita, dando conta de que o marido

necessitava com urgência dos seus serviços, de tanto que lhe doía um dente.

Embora nem conhecesse o tal desafortunado, concordou prontamente em prestar socorro, chegando em poucos minutos à clínica.

Quando abriu a porta para recebê-los, estranhou aquela figura, toda vestida de branco, com uma espécie de turbante da mesma cor.

O homem nada dizia e tinha os olhos semi cerrados. Quem falava era a mulher, explicando o caso.

- Doutor, por favor, não puxe muita conversa e veja logo esse dente doente.

E o homem calado.

Mas era preciso que se fizessem algumas indagações pertinentes ao tratamento e o doutor insistiu.

- O senhor poderia me contar a natureza da dor? Ela aparece espontaneamente ou só se provocada?

Apenas um resmungo incompreensível como resposta. Quem esclarece é a acompanhante.

-Acontece Doutor, é que o meu marido aqui, é pai de santo, viemos direto do terreiro,

de modo que, quem está aí é a Caboclo Jurubeba e a entidade pede que o senhor faça logo o que deve ser feito.

Atônito e temeroso obedeceu sem mais palavras. Queria mais era terminar logo com aquilo.

E assim foi. Vez em quando, arriscava uma olhadela pro sujeito, que só denotava alguma expressão, pelo vinco que se formava na testa, sinal de dor. No mais, permanecia impassível com a bocarra aberta e olhos fechados.

Ao final, a mulher foi logo puxando o marido pela mão, ajudando-o a se levantar, ajeitou o turbante e se despediu prometendo telefonar e agendar um horário em breve a fim de dar continuidade ao tratamento.

O tempo passou e nada de notícia. Assim o Dr. Anselmo resolveu ligar para saber como andava o caso.

Quem atende o telefonema é a mulher, que rapidamente passa para o marido.

- Bom dia, sou o dentista que o atendeu, gostaria de saber como tem passado.

-Ah, sim! Tudo muito bem, sim senhor, e o canal até já foi tratado!

-Bem, nesse caso, peço a gentileza de comparecer à minha clínica a fim de acertarmos os meus honorários pelo atendimento emergencial.

Ao que o gaiato responde:

-Na verdade, doutor, eu nem me lembro de nada, nem mesmo de tê-lo conhecido. O que acontece, é que o tratamento foi dado ao Caboclo. Não era eu naquele momento, entende?

Doutor Anselmo, que não era de entrar em discussão, mormente as objetivadas por dinheiro, encerrou a ligação e pôs-se a pensar, contrariado.

Passados alguns dias, corria à boca pequena entre os funcionários da clínica que o patrão andava assuntando com um e outro acerca do endereço de um tal terreiro.

Escarafunchou e achou. Sem perder tempo apareceu por lá, queria ver aquilo de perto.

Embora não fosse nada afeito a rituais religiosos dessa natureza, não se podia negar que o ambiente misterioso, os aromas e sons, o atraíram.

Justo naquela noite o caboclo não desceu. Como bom brasileiro que não enjeita uma benzedura, entrou no fila do passe.

Conta-se que a tal mulher, até então sua paciente, nunca mais dera as caras para uma consulta.

Já o Dr. Anselmo pode ser visto batendo atabaque na gira, nas noites de sexta...

Eparrei, meu pai! ☼

O > a k



Fábria Tonin é cirurgiã dentista em Taubaté, SP.

Jata'y: La Leyenda

Me contaba una abuela kapiateña que antiguamente había en las proximidades de la actual Asunción, capital del Paraguay; una aldea Guarani cuyo Mburuvicha se llamaba Kapi'i'atâ, querido y respetado por los miembros de su comunidad. Allí vivieron siempre en armonía y la madre naturaleza les proveía de todo lo necesario para su subsistencia: enormes bosques, el agua limpia y cristalina, los peces, la miel, y todos los frutos de la tierra: maíz, mandioca, zapallo, banana, coco, guayaba, piña, yvapovô, yvapurû, pakuri, jakarati'a, etc. La vida comunitaria siempre estuvo marcada por la solidaridad y todos celebraban la vida agradeciendo diariamente a Ñande Ru y en su homenaje se reunían a la noche, en su templo, para rezar, danzar y cantar al ritmo de las sonajas de los hombres y el retumbar del sonido de las takuâras de las mujeres.

Peteî jarýi Kapi'atâygua omombe'úmi cheve ndaje yma, ymaite, táva guasu Paraguay ypýpe; oñemohendahague peteî tekoha Guarani, omyakáva Mburuvicha hérava Kapi'i'atâ, kuimba'e ojehayhu ha ojehecharamóva hekohápe. Upépe oikoraka'e hikuái tekokatúpe ha ñande sy guasu, yvy, ome'ê chupekuéra opaite hemikotevê: ka'aguay kakuaa, y potî sakâ, pira, eirete ha opaichagua yvy'a: avati, mandi'o, kurapepê, pakova, mbokaja, arasa, avakachi, yvapovô, yvapurû, pakuri, jakarati'a hamba'e. Ha'ekuéra niko oiko jekupytype ha akóinte omomba'eguasú tekove ha upévare o'aguyjeme'ê hikuái Ñande Rúpe ha hérape oñombyaty hikuái pyharekue, opýpe, oñembo'ejerokývo, upépe kuimba'ekuéra ombarakapu ha kuña katu otakuapu.

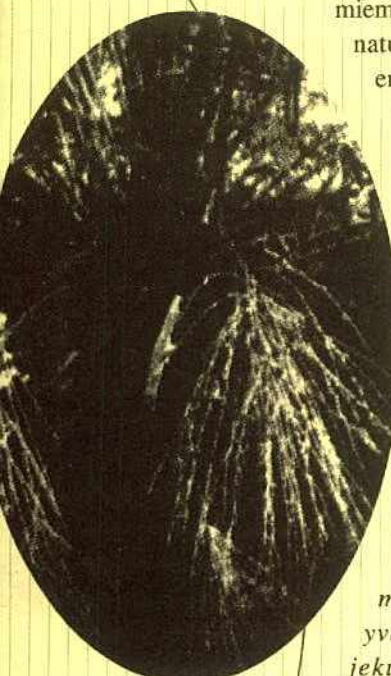
Un día en una de las familias, nació una niña muy linda a la que dieron el nombre de Jata, que con el tiempo creció y se convirtió en una hermosísima mujer que fue pretendida por muchos hombres. Ella siempre vivió con sus padres y siempre anduvo sola. La fama de la belleza de Jata trascendió a otras comunidades de los alrededores. Sin embargo, pese a la insistencia de varios varones que intentaron desposarla, ella siempre encontraba alguna forma de deshacerse de todos aquellos pretendientes.

Peteî ára, peteîva tapyime, heñói peteî mitâkuña'i iporãitereíva

oñembohérava Jata, upéi okakuaáva oiko peve ichugui peteî kuñatai neporâmbajepéva ha hetaiterei kuimba'épe oipy'ara'áva. Ha'éniko oiko isy ha itúva ndive ha tapiate heko ha'êño. Pe iporângue niko oñemoherakuâkuri ambue tekoha rupi. Jepémo heta kuimba'e oityse chupe iñuhâme, Jata akóinte ojuhúmi peteî tape ojehekýi hagua umívagui.

Un día llegó a la aldea del Mburuvicha Kapi'i'atâ un guerrero de nombre Tekoñarô, decidido a conquistar el amor de Jata, aunque sea por la fuerza. Y fue así que una mañana mientras el pueblo se hallaba reunido en una asamblea, Tekoñarô se acercó hasta la choza de Jata, donde se encontraban sus ancianos padres, que ya no podían caminar. Tekoñarô, con voz violenta, les dijo: "Yo vine a su aldea para raptar a su hija, para convertirla en mi mujer", a lo que el padre de la joven respondió: "Muchos, antes que tú, dijeron e intentaron lo mismo y no lo lograron, y no creo que tu seas las excepción. Además eres un hombre malo". Las palabras del anciano enfurecieron al guerrero, quien sin mediar más palabras, mató al padre y a la madre de Jata.

Peteî ára, oguahê Mburuvicha Kapi'i'atâ tekohápe peteî guarini hérava Tekoñarô, ouva mombyrýgui oñemomba'évo Jata mborayhûre, taha'éjepe mbaretépe. Ha péicha, peteî pyhareve avakuéra oî aja amandajépe, Tekoñarô oñemboja Jata tapyi oîha meve, upépe oîhina isy ha itúva, iguaigui ha itujamímava hikuái ha



ndoguatakuaavéimava. Tekoñarô, ñe'ê pohýi reheve, he'i mokôivépe: "Che aju pende rekohápe aguerahávo pene ñemoñarépe, che rembirekorâ"; ohendúvo upévã, tujami osê ombohováí chupe: "Hetámako oí, nde reju mboyve, he'íva'ekue upeichaite avei ha ndohasáiva upégui. Che ndaroviái nde ikatutaha rejapo upe mba'e ha hi'ariete ndéngo peteí kuimba'e nderekomaráva". Upe karaimi ñe'ê ndo'aporái Tekoñarôme ha kóva he'i'yre mba'evete, ojuka upe karaimi ha hambirekópe.

Terminada la asamblea, Jata regresó a su choza y encontró a sus padres muertos y parado a un costado vió a Tekoñarô. Este se acercó a Jata, envuelta en llantos, la tomó del brazo y le dijo: "Si no quieres morir como ellos, mejor entregate, ven conmigo y te haré mi mujer". Ella le gritó: "¡Asesino!, jamás seré tu mujer" y salió a correr. Tekoñarô la siguió y le disparó una lanza que impactó y mató a la bella Jata. En eso llegaron al lugar el Mburuvicha Kapi'i'atâ y varios hombres, quienes dieron muerte a Tekoñarô.

Opávo amandaje, Jata oho itapyime ha upépe ojuhu isy ha itúva omanóva ha ijkére ohecha Tekoñarôme. Kóva oñemboja Jata renondépe, hasêsoróva, ha he'i chupe: "Neremanoséirô ha'ekuéraicha, eñeme'ênte chéve, eju chendive ha ajapóta ndehégui che rembireko". Jata osapukái chupe: "¡Porojukahára!, araka'eve ndahamo'ái

nendive" ha osê oñani. Tekoñarô omuña chupe ha ojapi chupe peteí yvyra'akuápe ha ojuka upe kuñataí poráitépe. Upe jave, oguahê upépe Mburuvicha Kapi'i'atâ ha iguarini ha oñondivepa ojuka hikuái Tekoñarôme.

Al guerrero malo lo enterraron en un alejado lugar en el monte, en tanto que a Jata, la enterraron al costado de un hermoso arroyo. Tiempo después, nació y creció en el lugar de su tumba, una planta espinosa, parecida al cocotero, pero pequeña, a la cual llamaron Jata'y (hoy conocida como Jata'i), que recuerda a la hermosa mujer, que aun muerta, llena de espinas, jamás permitió hasta hoy que nadie se acercara a ella fácilmente.

Upe guarini hekomarávape oñoty hikuái peteí ka'aguy mombyryva upégui; ha Jatápe katu oñoty hikuái peteí ysry iporáva rembe'ýpe. Uperiremínte, heñói ha okakuaa upe Jata oñeñotyhaguépe, peteí ka'avo hatĩmbáva, ojoguáva mbokajápe, ndatuicháiva ha uperupigua ombohérava Jata'y (ko'ága ojekuaáva Jata'ípe), ogueromandu'áva upe kuñataí poráite rekove, jepémo omano ha hatĩmbáva, ko'ágaite peve ndohejáiva, péicha péichante, avave oñemboja hese.

Hasta hoy existe en el Distrito de Kapi'atâ una compañía llamada Jataity (Jata'yty) que perpetúa el nombre de la joven Jata. La palabra Jata'yty quiere decir "el lugar donde abundan las plantas de Jata'y". Con el tiempo esta planta creció en todo el Paraguay, y en la actualidad, es fácil encontrar varias ciudades, compañías y barrios, que se denominan Jataity.

Ko'ágaite peve oí Kapi'atâ Távae peteí tavapehê hérava Jataity (Jata'yty) ogueromandu'áva kuñataí Jata réra. Ñe'ê Jata'yty he'ise "tenda oĩháme heta Jata'y". Ohasávo ára, ko ka'avo iñasái Paraguay retâ tuichakue javeve, ha ko'ága rupi, jajuhukuaa heta táva, tavapehê ha jeikoha, hérava Jataity. ✱

(Dedicado a Teresa Méndez-Faith - Ahechakuaávo Teresa Méndez-Faith-pe)



David Galeano Olivera é professor e diretor do Ateneo de Lengua y Cultura Guarani no Paraguai.

VIVEIRO

Falls Park

Mudas frutíferas e ornamentais

Fones: (45) 3573.1044 e 9124.6802

Rua Itapemirim, 101
Beverly Falls Park
Foz do Iguaçu - Pr.



café
com
teatro

da pra faltar?

informações
(45)3572.1473

Viagem de dom Colombo

Em 1498, em miragem
Dom Cristobal Colombo
Partiu – fatídica viagem;
Querendo chegara à China
Atinge o continente
Que como o céu de estrela
A Dom Cristobal fascina.

Inaudito destino, maldito,
instinto assassino
Pensando ser cocheiras
pisa na terra primeiro
suas duas patas traseiras
o continente sagrando
com sua espada afiada

Região então habitada
florescente e civilizada,
hoje a Venezuela;
arcabuz em punho
a raiva no coração
artrite nas duas mãos
e a vala na alma aflita.

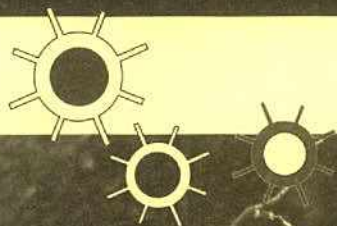
Tristes mães e continente!
Alerta sacra vidente
na fria voz da serpente;
e choram e clamam
e Dom Cristobal sorri;
E surge ilustre nativo
para não se ver cativo
indica desconhecido caminho
rumo a outro oceano
– glorioso Cristobal,
cético como uma serpente,
cego como uma toupeira,
contrito pelo perdão,
agradece ao informante
com um tiro no coração.

Dom Cristobal nem sabia
a pouca extensão que havia
para a Atlântida de Platão
que fica logo ali
depois do primeiro chão.
E assim, perdido em sua glória
foi trocado na história
por outro navegador.

Juvenal Payayá

Juvenal Payayá é professor e poeta
na comunidade Payayá da Cabeceira do Rio, BA.





Foz do Iguaçu

Querida Foz do Iguaçu
Que a cada verso desta cidade
Carregamos recordações
Um povo cheio de esperanças
Com várias idades, idosos, adultos e crianças
Na conquista de um mundo melhor...

Uma fronteira trinacional
Diversas nações temos por aqui;
Por todos os cantos desta terra escutamos;
As línguas portuguesa, espanhol e guarani.

Paisagens exuberantes e belas temos
Vários condomínios e muitas favelas vemos
A terra é fértil e fenomenal
Com tanta miséria e um grande parque nacional

A concentração é forte em águas
Que passa por onde a pedra canta
Também nas cataratas
Por baixo das pontes as águas passam
Até chegar ao limite
No Marco das Três Fronteiras
Situado no Porto Meira
Onde me criei, onde moro hoje
E onde pretendo viver...

Edson de Carvalho

árvore cortada

Fotografias digitais (originais em cores)
de Áurea Cunha, fotojornalista em Foz do Iguaçu, Pr.



Edson de Carvalho é poeta
e b-boy em Foz do Iguaçu, Pr.

Cineclubes: acesso à produção cultural, mobilização política e democracia

Cineclubes são espaços sem fins lucrativos que têm o objetivo de reunir pessoas interessadas em ver e discutir cinema. Mais do que isso, visam estimular o interesse pelo cinema.

Em sua maioria, os cineclubes são – e devem ser – espaços alternativos. Alternativos quanto à programação e dinâmica das exibições. No que se refere à programação, os cineclubes costumam priorizar filmes que não pertençam ao “circuito comercial”, ou seja, que não são facilmente encontrados nos cinemas e na televisão. Dentre os principais problemas apresentados pelo “circuito comercial” estão o leque reduzido de referenciais culturais – sobretudo norte-americanos –, sua efemeridade e o direcionamento exclusivo para o lazer.

Quanto à dinâmica das exibições, diversos cineclubes promovem debates sobre os filmes. Com a participação da comunidade e de especialistas, forma-se um espaço no qual experiências e saberes são confrontados, convergem em alguns pontos, divergem em outros e são reelaborados. Um dos aspectos mais importantes dos debates é a possibilidade de se pensar individual, grupal e localmente as questões abordadas pelos

filmes. Por exemplo, no dia 2 de abril, foi exibido *Batismo de Sangue* (2007, Brasil, direção: Helvécio Ratton) no Teatro Barracão de Foz do Iguaçu: o jornalista Aluizio Palmar certamente surpreendeu a muitos ao relatar sobre a repressão existente na cidade durante a ditadura militar brasileira (1964-1985).

Assim, os cineclubes são espaços democráticos. Facilitam o acesso à produção cinematográfica por não terem fins lucrativos, colaboram para a ampliação das referências culturais e estimulam a participação política. Cabe fortalecer a chamada democracia deliberativa, na qual o “cidadão comum” se informa, ganha visibilidade e pressiona o Estado e a opinião pública pela realização de suas reivindicações.

Há desafios pela frente. Um deles é a necessidade de superar o rótulo de espaços elitizados. Os debates têm a importância de aproximar os filmes alternativos das experiências dos sujeitos e grupos. Além disso, os cineclubes precisam assumir o desafio de apontar para o público os problemas da produção comercial. Outra questão se refere aos direitos autorais, se seriam ou não válidos em entidades sem fins lucrativos como os cineclubes. Cabe ao Estado brasileiro a coragem de atualizar a legislação para esses casos.

Em Foz do Iguaçu, dentre outras iniciativas, a Casa do Teatro e a Casa da América Latina têm feito sessões no Teatro Barracão, o SESC mantém uma programação regular e a UNILA iniciou a montagem do seu cinedebate. *



Paulo Renato da Silva é professor de História na Unila, em Foz do Iguaçu, Pr.



Av dos Imigrantes 81 / Vila Yolanda
45 3523 7176 / Foz do Iguaçu - PR



*Uma opção saudável,
pertinho de você!*

*Venha provar
e se deliciar!*

Tel. (45) 3025-5700

Segunda à sábado:
das 11h às 14h30m

Rua Almirante Barroso, 1466 - Sala 4 - Galeria Viela - Foz - PR
www.sabormaisnatural.com.br

Cardápios elaborados e supervisionados por nutricionista.

IDEIAS

VALE A PENA VOCÊ

PÔR NA SUA CABEÇA



www.revistaideias.com.br

Travessa
dos Editores



Vote CATARATAS DO IGUAÇU

Para uma das novas 7 maravilhas
da natureza

Com seu voto, as Cataratas do Iguaçu podem ser
uma das 7 vencedoras. Já pensou que maravilha?

As Cataratas do Iguaçu passaram para a fase final do concurso que vai escolher as 7 Maravilhas da Natureza. Agora, são 28 finalistas do mundo inteiro disputando o título máximo. Entre no site e vote. Essa vitória vai ser de todos nós.

www.votecataratas.com